

4468

261

MORTE DO "PAJÉ"

Família promete pedir punição para o Estado

A família do vendedor Geraldo Rocha dos Santos, o pajé da tribo Sateré Maué morto no mês passado em consequência das queimaduras provocadas por um incêndio em sua fantasia enquanto se apresentava no Festival Folclórico de Manaus, pretende processar a Emantur, o Corpo de Bombeiro e a Liga dos Grupos Folclóricos como os responsáveis pelo acidente.

Socorro Carioca, afirma que o irmão Geraldo não foi vítima de uma fatalidade. Ela, a mãe e os outros irmãos estão convencidos de que houve uma junção de fatores que concorreram para a demora no atendimento médico de Geraldo e que teria lhe custado a vida.

A Emantur pode ser responsabilizada, explicou Socorro, por ordenar ao Corpo de Bombeiro que mantivesse o carro no portão de entrada do Sambódromo "para não atrapalhar o desfile". "Na distância em que eles estavam não tinham como prestar socorro com rapidez", argumenta. Quando conseguiram chegar ao local, os bombeiros não conseguiram fazer nada porque os extintores não estavam funcionando, sustenta a irmã de Geraldo.

"Não queremos dinheiro de ninguém, só queremos punição para os responsáveis", avisou Socorro. Geraldo morreu no dia 30 de junho depois de agonizar por quas duas semanas. Antes de morrer

com parada cardíaca no Hospital do Galeão no Rio de Janeiro, Geraldo foi internado no Hospital da Unimed, mas segundo Socorro, só depois de alguns dias foi levado para a UTI.

Para a família, houve pelo menos negligência na prestação de socorro a Geraldo. A família vai buscar orientação com advogados para saber como melhor encaminhar a ação. Ao contrário das informações veiculadas, Geraldo não utilizou álcool para fazer o ritual com fogo. "Ele usou querosene", garantiu Socorro.

Além da dor pela perda do irmão numa situação tão trágica, Socorro contou que a família ainda vem sendo vítima de aproveitadores que se utilizam do nome de Geraldo para conseguir dinheiro com políticos.

Pressentimento — Geraldo sempre se apresentou como pajé, mas estava nervoso no dia do acidente. "Ele estava nervoso e não queria de apresentar. Não estava com bons pressentimentos", lembrou Socorro. Geraldo tinha 36 anos e não tinha emprego fixo. Vendia roupas e vivia de pequenos serviços.

Além da dívida de R\$ 900 em roupas que tinham sido compradas, ficou para a família a dor e a indignação com a tragédia. "Ele era uma pessoa alegre, feliz com a vida, não merecia isso".